

A TRAJETÓRIA DA ÓRFÃ ISALTINA PELAS PÁGINAS DE PERIÓDICOS FLUMINENSES

MARIA AUGUSTA TEIXEIRA DA SILVEIRA¹; JONAS MOREIRA VARGAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – augusta.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de recortes do meu trabalho de conclusão de curso, que consiste em uma monografia. Aqui, pretendo abordar um pouco da história da órfã Isaltina Serafina de Souza que, no ano de 1895, veio a falecer, aos 12 anos de idade, em decorrência dos severos castigos que sua patroa aplicava. O cenário do ocorrido foi a capital da República na época, a cidade do Rio de Janeiro – em seu momento de maior visibilidade nacional. Diante disso, o caso foi amplamente noticiado por periódicos, inclusive, de fora do estado do Rio de Janeiro.

O estudo da trajetória de Isaltina é pertinente para que possamos vislumbrar o lugar que a sociedade brasileira no período da primeira República reservava a crianças como ela: órfã, ex-ingênua e pobre, na busca da compreensão de experiências de uma infância racializada. Além disso, tamanha repercussão causa espanto, dado o distanciamento temporal com o caso do menino Bernardino, que levou à assinatura do Código de Menores – sendo mais de 25 anos que os separam. Dessa forma, ao compreendermos as discussões vigentes nos periódicos acerca de Isaltina, estamos, também, pensando a possibilidade de entendermos essa conquista como uma construção.

A fins de embasamento teórico, procurei me ancorar em autores como DE LUCA (2008) e LAPUENTE (2015) para pensar a história através dos periódicos. Para pensar a micro-história, as reflexões de LIMA (2012) foram fundamentais para entender o ponto de partida e o contexto do nascimento dessa disciplina. Não somente, a obra de CARVALHO (2022) foi fundamental para a compreensão do período em que a cidade do Rio de Janeiro vivia nesse momento de tão recente proclamação da República e profundas mudanças estruturais.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através, primeiramente, de uma discussão bibliográfica sobre a história da infância; bem como, a pesquisa, em si, foi realizada através de consultas aos jornais que compõem o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. A história de Isaltina foi narrada através da perspectiva da micro-história, momento em que recorro às reflexões de LIMA (2012), que aponta a micro-história como um momento de rejeição aos grandes modelos interpretativos braudelianos, em que o periférico passa a ganhar centralidade em uma historiografia que, antes, vislumbrava os grandes eventos, grandes figuras e a sociedade enquanto estrutura. A partir dessa quebra, o historiador passa a vislumbrar o cotidiano, os pequenos eventos e as figuras marginalizadas influenciados, também, pelas lutas anticoloniais e antirracistas, pelos movimentos feministas e reivindicações estudantis — fruto, também, da crescente

interdisciplinaridade da área, que nunca foi novidade, mas na década de 1960 foi vivido um momento de grande “experimentação intelectual”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em minha monografia eu divido a história de Isaltina em três momentos principais — a menina de Macaé; a menina da Rua de São Pedro n. 146¹; a menina da Autópsia — aqui, vou procurar condensar essa história de forma mais breve, na tentativa de evitar, ao máximo, a perda de coesão e detalhes importantes. Isaltina era natural da cidade de Macaé, onde, por ser órfã de uma mãe escravizada, vivia com a tia na casa do Sr. Corindiba de Carvalho, na configuração em que ambas eram encarregadas de serviços domésticos. Isaltina, em Macaé, frequentava a escola e era elogiada, tanto pela professora, quanto por sua tia, pelo Sr. Corindiba de Carvalho e pela vizinhança. A julgando preparada no ensino básico, a tia de Isaltina, Sabina Antonia da Silva, a envia para o Rio de Janeiro, capital da República na época, para que aprendesse sobre costura na residência de D. Julia Bessa, em troca de serviços domésticos.

Ao chegar no Rio de Janeiro, a criança descrita por D. Julia Bessa e seu convívio é extremamente contrastante com a versão de Macaé: de dócil e obediente, os adjetivos se tornam ‘de mau gênio’, sempre de mau humor, proferindo inconveniências e é dito ter um comportamento errático. É plausível que pensemos essa mudança de comportamento como factível, visto que a própria Julia Bessa confessa castigá-la, mas afirma tratar-se de castigos brandos. Essa afirmação, entretanto, é desmentida por depoimentos de outras crianças que Julia teve em sua companhia — nos quais são descritas violências bárbaras contra as crianças. Além disso, há de se considerar a precariedade material em que viviam essas crianças: uma delas afirma que dormia no chão de um quarto da casa, sem coberta, sem lençol e sem travesseiro, por exemplo. Entretanto, o suposto mau comportamento de Isaltina, real ou inventado, não faz com que os violentos castigos aplicados por D. Julia Bessa sejam plausíveis, apesar de a defesa da agressora usufruir desse argumento para abrandar suas ações.

A terceira menina, que compõe a figura de Isaltina, é a da autópsia. Nesse momento, nos deparamos com a autópsia dela, que revela últimos momentos de profundo sofrimento. São descritas equimoses, queimaduras, sufusões e contusões por todo o corpo de Isaltina, inclusive no rosto. Cicatrizes, recentes e antigas, também figuram no auto. Diante dessa autópsia, que atribui a causa da morte a infecção generalizada, os periódicos se vêem convictos da culpa de Julia Bessa na morte de Isaltina. Entretanto, três anos depois, o resultado do julgamento de Julia Bessa é publicado e ocorreu que o júri a inocentou por 10 votos. O promotor público recorreu à decisão, mas não fui capaz de encontrar mais sobre esse desenrolar nas fontes.

4. CONCLUSÕES

Diante do privilégio de contar a história de Isaltina, é necessário destacar que a própria trajetória dessa personagem contribui para entendermos experiências de infância racializada nesse período, um momento de transições na história brasileira. No final do século XIX, Isaltina foi contemporânea de uma

¹ Endereço da casa em que Isaltina morou na cidade do Rio de Janeiro.

Primeira República recém-proclamada, em 1889, e um pós-abolição imediato, em que as relações binomiais no formato senhor e escravizado ainda eram pulsantes na sociedade.

As perspectivas analíticas que o caso de Isaltina são inúmeras, a partir dele existe a possibilidade de pensar relações de trabalho doméstico, trabalho doméstico infantil, as próprias condições dos ex-ingênuos nesse período e noções de infância — especialmente, racializada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. Companhia das Letras, 1987. 196 p. ISBN 85-85095-13-X.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PISNKY, Carla Bassanezi et al. (Orgs.). Fontes Históricas. Editora Contexto, 2^a ed., São Paulo, 2008.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre: UFRGS, 2015, p. 1-12

LIMA, Henrique Espada. **Micro-história**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 15 set. 1895. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 21 set. 1895. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.